

**RESUMO:** Este texto busca situar três características essenciais, propostas por Alfredo Bosi, no conto *A terceira margem do rio*, de Guimarães Rosa. A partir disso, procura-se submeter o conto a um aspecto específico da filosofia de Platão, no intento de proporcionar uma possível leitura sobre o referido conto, capaz de conferir à personagem protagonista um caráter mais lógico em relação ao seu desfecho.

**Palavras-chave:** Guimarães Rosa, Platão, conto, filosofia.

**ABSTRACT:** This text aims to situate three essential characteristics, proposed by Alfredo Bosi, in the short story *A Terceira margem do rio*, written by Guimarães Rosa. Through this, it tries to submit the short story under a specific aspect of Plato's philosophy, in attempt to provide a possible reading about that short story, capable to give to the main character a more logical feature in relation to his outcome.

**Keywords:** Guimarães Rosa, Plato, short story, philosophy.

## EM BUSCA DE OUTRA EXISTÊNCIA

*Diante de um barbudo que está dançando,  
o Primo do Rei me informa: é um filósofo.  
Para ser filósofo, diz ele, são necessárias  
quatro coisas: 1)ter licenciatura em árabe;  
2)viajar muito; 3)manter contato com  
outros filósofos; 4)ficar longe da realidade,  
à beira do mar, por exemplo.*<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Trabalho elaborado para a disciplina de Teoria da Narrativa, ministrada pela professora Renata de Felipe.

<sup>2</sup> Acadêmico do curso de Letras – Português, da UFSM.

<sup>3</sup> Santa Maria - RS, Brasil.

<sup>4</sup> BARTHES, Roland. *Incidentess*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.19.

---

*Amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do homem.* Este célebre e meditativo pensamento nos foi compartilhado, em entrevista, por Guimarães Rosa<sup>5</sup>, em *Diálogo com Guimarães Rosa*. E é nessa atmosfera, também profunda e conflituosa como a própria alma humana, que está situada a obra rosiana: na busca por uma terceira existência, uma terceira margem.

O conto A Terceira Margem do Rio compõe a obra *Primeiras Estórias*, publicada em 1962. No livro, como sugere Alfredo Bosi, *é patente o fascínio do alógico: são contos povoados de crianças, loucos e seres rústicos que cedem ao encanto de uma iluminação...* (BOSI, 2006). Aqui, tomo essencialmente três palavras: alógico, loucos e iluminação, para, a partir delas, “enredar” uma possível – dentre tantas – leitura do referido conto.

Parece preponderante tecer algum comentário sobre as características concernentes à linguagem no conto. Na verdade, é também por meio da própria linguagem que o autor não apenas cativa, mas marca aquele caráter de intensidade do conto. Carregada de neologismos, a narrativa rosiana apresenta um torneio sintático original, além de construções elípticas<sup>6</sup> disseminadas pelo texto.

Outro aspecto de extrema relevância, e que aqui cabe aludir, é referente a certas marcas regionalistas presentes na obra, sobretudo, em relação à fala sertaneja<sup>7</sup> com a qual Guimarães Rosa constrói suas personagens. No entanto, é válido também mencionar que esses elementos que constituem tal regionalismo se restringem praticamente às falas, moldando e delimitando não apenas o comportamento das personagens, mas também grande parte de suas possíveis posturas.

Com enredo aparentemente simples, o conto possui narrador homodiegético<sup>8</sup>. Esse narrador, cujo pai *mandou fazer para si uma canoa*, possui um irmão e uma irmã. Os três vivem juntos da mãe, numa casa localizada muito próxima às margens do rio. *Rio grande, fundo, calado*, no qual o pai, agora, vive a navegar, *sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais*.

---

<sup>5</sup> João Guimarães Rosa nasceu em Minas Gerais, em 1908. Formado em medicina, exerceu a profissão estudando línguas concomitantemente. Como escritor, foi autor de importantes obras, como *Sagarana* (1946) e *Grande Sertão: Veredas* (1956). Faleceu de enfarte, três dias após ser admitido à Academia Brasileira de Letras.

<sup>6</sup> Como ilustração: “decidiu um adeus para a gente”.

<sup>7</sup> Como ilustração: “-Cê vai, ocê fique, você nunca volte”, “a canoa saiu se indo”.

<sup>8</sup> É o narrador que faz parte da história, no entanto não é protagonista. GENETTE, Gérard. *Discurso da Narrativa*. Lisboa: Arcádia, 1979.

---

É também mister mencionar (aos navegantes desse *rio*) que o narrador aqui presente é aquele típico do romance, de acordo com a acepção de Silviano Santiago<sup>9</sup>. Apesar de que se requeira que esse narrador seja objetivo e impessoal diante do que narra, há, no conto, uma clara abertura para certo posicionamento, certa confissão por parte dele, do narrador. No entanto, essa abertura não é suficiente para que possamos denominá-lo como clássico – no sentido benjaminiano –, pois muito mais do que transmitir experiência, nosso narrador está a procurá-la no próprio pai, como tentarei explicitar no decorrer deste ensaio.

A ruptura do pai para com o mundo ao qual pertencia, abrindo mão não apenas dos amigos, mas principalmente de sua família gera uma espécie de embaralhamento no leitor, certo mal-estar. E essa sensação é potencializada, ainda nas primeiras páginas, no momento em que descobrimos que tal troca é para que ele possa viver isoladamente em uma canoa, *por uns vinte ou trinta anos*.

Nesse momento, torna-se necessário retomar as duas primeiras palavras – das três – elencadas: alógico e loucos. Parece sim alógico o fato de um pai *cumpridor, ordeiro, positivo* trocar a família por uma canoa. Da mesma maneira como parece alógica a invenção de uma terceira margem; alógico a família deixá-lo ir; alógico o filho-narrador não mudar para a cidade, quando todos os outros membros de sua família já o fizeram; e, sobretudo alógico, alguém viver vinte ou trinta anos sem pisar mais *em chão ou capim*.

A loucura está intrincada na outra face dessa mesma moeda, tanto que os vizinhos e mesmo eles, a família, levantam suspeitas de que certa loucura paira sobre a casa (com um profundo sentido patológico): *na nossa casa, a palavra doido não se falava...* Também especificamente em relação ao pai, pois *todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira*.

Agora, preciso recorrer à última palavra da tríade anteriormente exposta: iluminação. Entendo a palavra não apenas como *derramar luz sobre*<sup>10</sup>, mas sim com um sentido mais amplo, mais esclarecedor: uma espécie de redenção/convalescência do próprio texto em relação àquelas outras duas palavras, na tentativa de desconstruí-las e justificar a escolha do retirante pai: a escolha pelas águas do rio.

---

<sup>9</sup> Cf. SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. In: *Nas malhas da letra*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

<sup>10</sup> De acordo com o dicionário Aurélio: 1. Derramar luz sobre; alumiar. 2. Brilhar em.

---

É bem verdade que a terceira margem é abstrata, não tateável, pois são possíveis apenas duas margens para um mesmo rio – a de lá e a de cá. A terceira é formada pelo próprio pai e por sua canoa situada paralelamente às margens, sempre a subir e a descer – nunca a fazer rotas perpendiculares.

Posso, então, situar as duas margens reais no mundo das aparências, este em que, de acordo com Platão<sup>11</sup>, vivemos e que vemos. Assim, também posso, em contrapartida, explicar a terceira margem como algo genuinamente suprassensível<sup>12</sup>: pertencente ao mundo das ideias. Na verdade, esse era um projeto do pai: *só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços de rio.*

Dessa forma, é como se o pai quisesse “colher” essa terceira margem, que só existe no mundo ideal, para representá-la aqui, no nosso mundo de aparências. E, se assim for, em decorrência dos rios serem *profundos como as almas*, de acordo com o próprio Guimarães Rosa, antes de o pai ser “louco”, com atitudes alógicas, ele é muito mais o filósofo, o visionário, que ruma à exterioridade daquela caverna: a caverna que era sua casa, sua vizinhança. Como aponta Platão:

Um homem desses se desliga dos interesses humanos e dirige seu espírito para os objetivos divinos; a multidão o considera louco, sem perceber que nele habita a divindade.<sup>13</sup>

A caverna aqui referida é aquela evidenciada por Platão, como o Mito da Caverna. Na verdade, o filósofo é o sujeito que consegue desprender-se das correntes que o aprisionam – não apenas a ele, mas a algumas outras pessoas - no fundo de uma caverna. Aquele fundo de caverna é o mundo empírico das pessoas acorrentadas, o mundo aparente: só o que conseguem ver são sombras de pessoas ou animais formadas quando passam frente à entrada da caverna.

No momento em que o filósofo liberta-se, ele está, na verdade, rumando não apenas à exterioridade da caverna, mas também – e principalmente - ao mundo das ideias. E essa ascensão por parte do nosso filósofo é a mesma experimentada pelo protagonista do conto: ascensão para a completude da alma, para a verdadeira

---

<sup>11</sup> Cf. PLATÃO. A república. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

<sup>12</sup> De acordo com o dicionário Aurélio: 1. Superior à ação dos sentidos.

<sup>13</sup> PLATÃO. *Fedro*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 86.

---

compreensão das coisas, que não são alcançáveis quando se está envolto apenas em sombras ou reflexos.

Os caracteres *cumpridor, ordeiro, positivo*, e, depois, *silencioso*, nos dão aquela ideia de que precisamos apreender valores virtuosos – moralmente perfeitos – para que possamos ingressar, posteriormente, no mundo das ideias, o mundo a que pertencemos e, para o qual, retornaremos assim que a morte nos abarcar.

Essa noção é ratificada na medida em que o narrador nada sabe sobre os motivos pelos quais seu pai decidiu *se-ir do viver*. Há apenas indícios de uma matéria que extrapola os limites racionais e que se lança em outro território: aquele, ideal, que é o destino primeiro da alma.

São notáveis as aproximações em diferentes níveis entre o filho-narrador e o pai-narrado. Há, num primeiro momento, uma relação de profunda cumplicidade, estabelecida não por intermédio de palavras, mas – e de novo – do próprio olhar silencioso. Talvez as afecções a que está submetido o filho sejam anteriormente notadas pelo pai, mas com aquela possibilidade de o filho ser o único, além dele, passível de redenção, de convalescença: o único que poderia embarcar na canoa, rumo ao mundo ideal.

No entanto, por meio de alguns traços relativos à linguagem, evidenciados no texto, como o pronome possessivo (*nosso pai, nossa mãe*), damos conta de que os laços estabelecidos entre o narrador e a família são extremamente fortes, o que o situa em uma zona limítrofe: ele está na margem do rio, ligado tanto a esse mundo empírico, quanto ao ideal, por meio de seu pai. É possível fazer tal inferência não apenas porque ele é o único que permanece no local, mas também porque é o único que consegue estabelecer um contato com seu pai, depois de *tamanhos anos decorridos: Ele me escutou. Ficou em pé*. Como seu pai, no entanto, vinha *da parte de além*, ele, o filho, fugiu e agora está *pedindo, pedindo, pedindo um perdão*.

Essa culpa é resultado de ele ter sido o que não foi, *o que vai ficar calado*. E o que fica calado é, em grande medida, a sua incapacidade de ocupar o lugar do pai, uma vez que nada sabe a respeito do projeto a que ele se submeteu, tampouco tem coragem para fazê-lo. Daí dizer que essa tristeza pode ser resultante de um profundo processo de busca por experiência. Conforme Walter Benjamin<sup>14</sup>: as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu calor desapareça de todo.

---

<sup>14</sup> BENJAMIN, Walter. *O narrador, considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: *Obras Escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

---

Assim, quem precisa aprender, quem precisa receber as experiências é, então, o próprio narrador. Seu pai, nesse sentido, é apenas o referente de suas experiências.

No último parágrafo, o filho-narrador *sabe que agora é tarde*. Demasiado tarde para que possa fazer tal qual o pai. Porém, incita que, *no artigo da morte*, alguém o pegue e o deposite em uma canoinha, como a do pai, para que percorra as longas beiras do rio, circum-navegando para sempre por sobre as águas do rio: águas estas que significam não apenas a vida e a morte, mas o esclarecimento.

Há que notar os *vinte ou trinta anos* em que se passa a história. No entanto, não podemos afirmar que se trata de um tempo cronológico. Muito pelo contrário: o tempo é medido na psicologia das personagens. De acordo com Benjamin Abdala Júnior,

(O tempo psicológico) é o tempo cronológico distorcido em função das vivências subjetivas das personagens. Dessa forma, na possibilidade iminente de morrer, uma personagem pode concentrar em poucos segundos boa parte dos acontecimentos essenciais de sua vida (ABDALA JÚNIOR, p.54, 1995).

Dessa forma, esses anos transcorridos evidenciam o arrastar de um tempo interior, no qual as horas são muito maiores e carregam o peso de uma vida inteira. Como também aponta Schopenhauer, *(o tempo) contribui para o tormento de nossa existência, e não pouco, o impelir do tempo, impedindo-nos de tomar fôlego, perseguindo a todos...* (SCHOPENHAUER, 1988).

Assim, retomo o pensamento inicial, de Guimarães Rosa, no qual os rios são como as almas e o entrecruzo com a epígrafe, de Roland Barthes, sobre o que é ser o filósofo. Dessa união, parece que só quem se mantém distante da realidade é que pode conhecer o mundo das almas, o mundo de reais valores e compreensões que extrapolam a nossa própria razão.

Se, por meio da visão das personagens secundárias<sup>15</sup>, o pai-narrado possui certa loucura, então elas ainda estão acorrentadas aos grossos cadeados da caverna, uma vez que não visualizam que não se trata de loucura, mas sim da mais ética e sábia atitude do

---

<sup>15</sup> Aqui me refiro à mãe, aos irmãos e aos vizinhos.

---

ser humano: livrar-se do absoluto fundo da caverna – a caverna das nossas próprias vidas. O louco então – antagonicamente - é quem sai da caverna e mergulha nas vastas e melífluas águas, constituindo ele próprio aquela terceira margem de rio: aquela terceira existência.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Introdução à análise da narrativa*. São Paulo: Scipione, 1995.

BARTHES, Roland. *Incidentes*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

PLATÃO. *Fedro*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

ROSA, Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo. Cia. das Letras, 1989.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.